



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

Instrução marcada não pode ser cancelada

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

Ruy Ferraz e Silva Junior

Instrução marcada não pode ser cancelada

Ruy Ferraz e Silva Junior

Mais uma semana nos campos de instrução da Academia Militar das Agulhas Negras. Estou seguindo com minha subunidade, a 2ª Companhia de Alunos, em direção ao morro da Fazenda da Barragem. Hoje é a nossa vez na instrução de patrulha de emboscada. Ouvi relatos da Companhia que teve instrução ontem, alertando-nos que algo muito ruim estava acontecendo nessa mata, mas não nos disseram o que era.

Inicialmente estávamos nos deslocando até o alto do morro e de lá seríamos separados em pelotões para a instrução. Eu fazia parte da equipe de apoio de fogo. Geralmente eles mandam para essa equipe os cadetes que têm menos condições de liderar ou cumprir funções específicas. Somos praticamente mulas carregadoras de peso. Eu estou levando nos braços uma metralhadora de uns 800kg, com mais de 5000 cartuchos de festim, e, na mochila, um tripé para posicioná-la no chão, pesando umas 2 toneladas e meia. Ou talvez isso tudo seja só impressão minha, já que eu estava muito cansado... Acordamos de madrugada para apanhar material e iniciar o deslocamento a pé e eu nem lembro se coloquei minha camisa direito ou se ela está invertida.

Chegamos ao sopé da elevação. Reunimo-nos numa instalação antiga e desocupada que só era utilizada mesmo para instruções como essa. A primeira orientação foi para que entrássemos em coluna por um, divididos em grupos já pré-fixados: grupos de reconhecimento, de emboscada, de assalto e, por fim, os grupos de apoio de fogo.

– Aqui neste grupo só tem o chorume da companhia! – falou Afrânio, que já estava visivelmente morto de cansaço.

– Que nada! Eles colocaram só os mais fortes, que têm condições de aguentar o tranco! – rebati, tentando motivar os demais.

– Mais fortes? E você, que é esse filé de borboleta, se acha forte? – disse Afrânio apontando para mim.

Preferi só me posicionar na coluna, tentando não gastar mais da pouca energia que eu tinha. A instrução nem havia começado ainda.

Iniciamos a subida. Por sermos os últimos, aguardamos toda a Companhia subir para que seguíssemos atrás. A inclinação era tamanha que, a cada passo, bufávamos. Toda árvore e galho eram importantes para serem usados como apoio na subida. Afinal, eu já estava levando 5 toneladas de peso, não era mesmo? Mais ou menos após meia hora, paramos e não subimos mais.

- Cara, morreu alguém? Estamos parados aqui há um tempão... – reclamou Afrânio outra vez.

- Aproveita pra descansar, meu velho. Só esta subidinha já foi braba. Isso aqui tem o quê, uns 60° de inclinação?

- Pra mim tem uns 90°.

Mas o motivo de estarmos parados lá só soubemos depois. Enquanto aguardávamos na trilha de subida, um grupo de emboscada teve um incidente. Um dos cadetes deixou sua mochila cair no barranco. Na tentativa de ir buscar, tropeçou e torceu o pé.

Outro cadete, na tentativa de descer e ajudar o amigo, também tropeçou e rolou morro abaixo, só parando depois de bater as costas em uma árvore, entrando imediatamente em convulsão, espumando pela boca.

– Meu Deus! Você está bem!??? – gritou Nilson em desespero, olhando para o amigo sentado no pé de uma árvore, com os olhos esbugalhados para ele, tremendo sem parar.

– Abeelhaas!!! – gritou alguém lá da trilha, mal dando tempo de eles se recuperarem da queda. Em seguida, deu-se um zumbido bem alto, vindo de várias direções.

– O que eu faço? O que eu faço?!? Tem um cara que tá em crise aqui!!!

– Fica imóvel pra elas não verem vocês! – gritou um “gênio” para eles.

Nilson jogou sua cara no chão, cobrindo o rosto entre as mãos, ouvindo com horror o zumbido cada vez mais alto se aproximar. Dezenas de abelhas cobriram sua cabeça, ao mesmo tempo em que lhe davam diversas ferroadas.

– Ai! Ai! Aaaai! – Nilson aguentava fortemente as picadas enquanto o outro cadete estrebuchava e recebia, também, suas doses de picadas, e os olhos quase saltando da órbita.

Num grito de terror, Nilson se levantou e saiu correndo, saltando que nem saci, tentando se livrar das abelhas e deixando seu amigo, mochila e fuzil para trás.

Ao longe se ouviam os gritos e barulhos de galhos se quebrando pela mata. No grupo de apoio de fogo, a gente ouviu também.

– Caraca! O que foi isso? Já estão nos atacando? – disse Afrânio carregando sua metralhadora.

– Calma aí, cara! Vamos esperar pra ver o que é. Olha lá, vem vindo alguém ali do alto, acho que é o tenente. Vamos ver o que está havendo.

Um jovem vestido de apicultor chegou até os cadetes que estavam jogados na subida íngreme, visivelmente assustados com aquela aparição.

– Atenção, cadetes! Não vai ser possível seguir por essa trilha. Vocês vão ter que seguir nessa direção – e apontou para uma subida mais íngreme do que a que estávamos enfrentando. E em seguida, ele mesmo começou a subir por ali.

Tivemos que seguir tal qual uma escalada numa parede, tão íngreme era o caminho. Amarramos nossas cordas uns nos outros, depois que um dos cadetes caiu e fraturou o braço. Finalmente, após mais uma hora de subida, chegamos ao topo da elevação, em uma clareira na mata. Cenário de guerra, corpos largados por todos os lados, recebendo atendimento de primeiros socorros, macas levando alguns cadetes para um caminho morro abaixo. Os que estavam ilesos foram colocados sentados em várias colunas.

– Atenção, todos! – gritou o tenente apicultor – tivemos um ataque de abelhas, por isso vamos encerrar a instrução e começar uma descida controlada até o sopé do morro. Sigam um perto do outro, sem correr! Você, puxe a descida! Esta coluna, siga logo atrás!

Mal me posicionei numa das colunas sentadas, já me levantei e iniciei minha descida.

– Cara, estou com medo – falou Afrânio, logo atrás de mim – eu sou alérgico a picada de abelha!

– Calma aí, rapaz, já estamos descendo esta maldita floresta das trevas. Agora não tem com o que se preocupar!

E, em poucos minutos de descida, vi uma abelha me rondando, que veio a pousar no meu braço. Logo em seguida, uma ferroadada. Dei um tapão, esmagando-a.

– Ai, droga! Uma abelha me picou! – gritei para Afrânio. Imediatamente um zumbido alto vindo de todas as direções nos assaltou.

– Corre, corre, corre!!! – Afrânio gritou a plenos pulmões, já me empurrando ladeira abaixo.

Descemos todos, em desabalada carreira, morro abaixo, nos deparando com troncos, pedras, buracos, curvas sinuosas... cada obstáculo novo eliminava um cadete por vez, enquanto outros passavam por cima por puro pavor, como se esperassem a morte certa.

– Eu vou morrer, eu vou morrer! – gritava Afrânio atrás de mim, descendo com uma metralhadora na minha direção, a 200 km/h.

De repente um abismo se abriu diante de mim, com uma curva acentuada à direita, e não dava para virar. Joguei-me nela para evitar cair, mas Afrânio seguiu como um foguete, desaparecendo no meio da mata. Ouvi seu grito sumir aos poucos.

Levantei-me e continuei minha corrida, quase certo de que não veria mais o meu amigo. Se ele não se quebrou todo, como poderia fugir das abelhas?

Após eu chegar vivo no sopé do morro, encontrei companheiros do meu pelotão jogados no chão, alguns sem camisa, improvisando talas e tipoias, outros se preparando para voltar e ajudar os outros.

– Nilson! – chamei meu colega, que estava sem um dos coturnos e jogava água do seu cantil na cabeça – tudo bem contigo? Como foi que você ficou todo estropiado assim?

– Abelhas, cara, muitas abelhas, todo um exército! Eu nem sei como consegui sair de lá com o pé torcido. Na fuga, deixei um camarada nosso que teve um ataque epilético depois que bateu a cabeça numa árvore. Ouvi dizer que ele vai ter que ser helitransportado.

– Atenção! – interrompeu o tenente não mais apicultor – Vamos aguardar aqui para reunirmos no mínimo trinta homens e vamos começar nossa caminhada de retorno às alas. Ninguém vai sair deste local. Reúnam o material e se preparem para partir!

Foi nesse momento que percebi o fiasco que havia sido a instrução. Qual tinha sido o objetivo? É sabido que as instruções para os cadetes devem ter uma cobrança física acentuada, mas não se pode incorrer em acidentes como os que ocorreram aqui! Não tenho muita experiência em preparar instruções desse tipo, mas, no mínimo, eu teria vindo aqui para fazer um reconhecimento do local, antes de trazer uma Companhia de Alunos todos os dias, durante uma semana inteira.

– Nilson, você ficou sabendo que a 1ª Companhia passou por aqui ontem e que enfrentaram situações muito ruins?

– Olha – falou ele quase sussurrando – fiquei sabendo que por causa dessa instrução, um dos cadetes acabou sendo evacuado para o Hospital Militar de São Paulo. Mas tentaram não disseminar essa história pra manter a instrução, porque já estava programada e deu muito trabalho pra montar.

– Meu Deus! Mas se já tinha dado errado antes, como é que eles não cancelaram essa droga!??? Materiais foram extraviados, vários cadetes se feriram, alguns ainda nem apareceram... E o Afrânio? O meu amigo pode ter morrido! Será que manter a instrução programada é mais importante do que a nossa segurança?

– Eu não sei. Mas sendo bem sincero, não sou eu quem vai reclamar. Eu só quero “ficar na minha” e me formar daqui a 2 anos.

De vez em quando, aparecia mais um estropiado saído da mata, no local onde nós estávamos reunidos. Faltavam alguns poucos e fecharíamos o efetivo de cadetes para seguirmos a pé de volta aos alojamentos. Alguns certamente voltariam de ambulância, como era o caso de Nilson. Por um breve momento, senti inveja do seu pé torcido.

Foi então que apareceu um cadete arrastando sua mochila pelo chão, com o fuzil a tiracolo, saindo dentre as árvores a vários metros de distância da nossa posição.

– Afrânio! Você tá bem, cara?!? – gritei de alegria ao ver meu amigo recém-saído da mata... Supercílio sangrando, alça da mochila arrebentada, camisa e manga rasgadas...

– Como você chegou aqui? E as abelhas?!?

– Olha, não sei como sai de lá inteiro; ao menos, na queda, eu escapei das abelhas, emendou ele – só quero sair daqui!

– Então se arruma aí. Quando fecharmos trinta candangos nós podemos voltar para a Companhia.

– Ué, e os outros? Vão sair que horas? – perguntou meu amigo, enquanto amarrava uma corda na mochila para fazer de alça.

–Não se preocupe com os outros. O pessoal da equipe de instrução deve ficar até resgatarem todos. Eles têm que levar todo o pessoal embora ainda hoje. Fiquei sabendo que esta instrução já estava programada e deu muito trabalho pra montar. Por isso eu acho que vão fazer de tudo pra mantê-la amanhã...

-.....!!!!!!???